

A fala silenciosa reportada: Metáfora, metonímia e mesclagem

Luiz Fernando Matos Rocha*

Resumo – Este trabalho investiga os processos cognitivos de mesclagem, extensão metafórica e metonímica (BARCELONA, 2003; FAUCONNIER, 1994, 1997; FAUCONNIER e TURNER, 2002; GOLDBERG, 1995; LAKOFF e JOHNSON, 1999, 1980; LAKOFF e TURNER, 1989; SALOMÃO, 2003, 1999, 1997) subjacentes a certas construções de pseudo-autocitação. Os dados provenientes de *corpus* videogravado sinalizaram certa produtividade desse recurso *dicendi*, comum à reportação de “discursos” próprios que não foram verbalizados na cena original, mas apenas pensados. A partir de construções como “Aí eu falei (pensei): Coitado!”, constatou-se a existência da metáfora PENSAMENTO É FALA e da metonímia FALAR POR PENSAR, o que revela como o falante concebe rotineiramente as relações entre linguagem e pensamento. Postula-se também que as razões cognitivas e interacionais para se optar por construções desse tipo relacionam-se a interdições de caráter pragmático que inibem a expressão do pensamento na cena original. Além disso, as expressões dêiticas, por vezes, fornecem pistas para o ouvinte da pseudo-autocitação estabelecer a interpretação adequada.

Palavras-chave – Cognição. Metáfora. Metonímia. Discurso reportado.

1. Pensamento e linguagem: controvérsias teóricas

O debate dos lingüistas sobre a (in)dependência entre pensamento e linguagem muito se acirrou no século XX, por conta da grande profusão de correntes teóricas preocupadas em oferecer uma resposta mais sólida a essa controversa relação. Uma delas, de grande representatividade no cenário lingüístico mundial, foi a hipótese de Sapir-Whorf a respeito do relativismo lingüístico, segundo a qual a língua é o fator principal na determinação dos processos de pensamento. Muito criticada em sua versão mais forte, pois conduzia à idéia de que a língua seria fundamento para a organização cognitiva do falante, a proposição sofreu mitigações,

* Professor Doutor em Lingüística do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF, Juiz de Fora, Brasil. E-mail: rochal_fm@oi.com.br.

passando a sugerir que as estruturas lingüísticas predis põem os indivíduos a atentar para certas coisas em detrimento de outras. De acordo com Faria (1996), a perspectiva whorfiana influenciou alguns estudos, dentre eles a da Lingüística Cognitiva, praticada por George Lakoff, fonte de muitos trabalhos de linhagem cognitivista realizados modernamente no Brasil.

Do ponto de vista de SALOMÃO (2003), a redução do pensamento à linguagem – em outros termos, os que falam línguas distintas pensam diferentemente –, é uma discussão a qual ela imagina estar vencida, pelo menos nesse prisma. No entanto, a relação entre um e outro, de modo geral, ainda não foi discutida absoluta e satisfatoriamente, como apontam certos lingüistas. Por meio de uma comparação entre as respostas dos lingüistas à pergunta “Há vínculos necessários entre língua, pensamento e cultura?”, em XAVIER E CORTEZ (2003), verifica-se que a maioria aponta para uma forte inter-relação entre pensamento e linguagem, contemplando, por vezes, a importância mediadora da interação. Alguns são adeptos da versão vygotskiana, que entende o pensamento como ação internalizada ou pensamento verbal como fala internalizada.

BORGES NETO (cf. XAVIER E CORTEZ, 2003), por sua vez, acha que não há vínculos necessários entre língua, pensamento e cultura, mas vínculos, simplesmente. Retomando Marcelo Dascal, fala das quatro possibilidades da relação:

- podem ser independentes;
- podem ser interdependentes, ou seja, não há linguagem sem pensamento e nem pensamento sem linguagem;
- pode haver dependência unilateral, ou seja, a linguagem depende do pensamento no sentido de que há pensamento sem que haja necessariamente linguagem, mas não há linguagem sem pensamento;
- pode haver linguagem sem que haja necessariamente pensamento, mas não há pensamento sem que haja necessariamente linguagem.

Apesar de essa relevante discussão ainda estar na pauta das elaborações teóricas do século XXI, por outro lado, penso que ainda não se refletiu sobre como o falante, cotidiana e intuitivamente, concebe a relação entre pensamento e linguagem, ou mais especificamente, entre pensamento e fala. No Português Brasileiro, ele apresenta uma forma de sinalizar isso por meio do que venho chamando de construções de pseudo-autocitação.

Ao proferir, por exemplo, “eu falei (pensei): que beleza”, em determinado contexto, o falante diz que falou, mas pensou apenas. Ele estaria concebendo, figurativamente, pensamento em termos de fala, pois na interação original, a qual cronologicamente precedeu a do enunciado acima, ele preferiu se calar. Então, teríamos de fato um uso epistêmico para o verbo “falar”, específico em determinadas construções gramaticais de autocitação.

Com base nessas constatações, pergunto: (i) quais as razões cognitivas e interacionais para se optar por construções desse tipo? (ii) como a estrutura lingüística fornece pistas para se estabelecer a interpretação adequada? Enfim, como alguém pode se reportar dizendo que falou o que de fato não falou?

2. Pensamento e linguagem: concepções cotidianas

2.1 Metáfora

Para sustentar as respostas, fudamento-me na Hipótese Sociocognitivista sobre a linguagem (BARCELONA, 2003; FAUCONNIER, 1994, 1997; FAUCONNIER e TURNER, 2002; GOLDBERG, 1995; LAKOFF e JOHNSON, 1999, 1980; LAKOFF e TURNER, 1989; SALOMÃO 2003, 1999, 1997), que entende a cognição como fenômeno social e, ao mesmo tempo, biológico.

Como ponto de partida, tomemos as discussões em torno do fenômeno da mesclagem (FAUCONNIER, 1997). Trata-se de uma operação cognitiva que consiste na integração de estruturas parciais de, pelo menos, dois domínios distintos em uma única estrutura, localizada em um terceiro domínio com propriedades emergentes e próprias. Esses dois domínios distintos são projetados segundo os MCIs¹ ativados, que funcionam como *inputs* para a criação desse novo domínio (espaço da mescla), onde se reorganizam categorias, permitindo que o pensamento se mova em novas direções, em projeções multidominais. Para a realização da mesclagem, são necessários:

- (i) Mapeamento parcial das contrapartes entre os espaços I 1 e I 2;
- (ii) Espaço genérico com estrutura e organização comuns, mais abstratas e compartilhadas por ambos os *inputs*;
- (iii) Espaço-mescla resultante da projeção dos dois outros espaços I 1 e I 2;
- (iv) Estrutura emergente própria do espaço-mescla, fornecida pelos *inputs* I e 2, estabelecendo relações até então inexistentes nos espaços individualizados.

No trabalho de 2002, FAUCONNIER E TURNER rediscutem um exemplo de FAUCONNIER (1997) que ilustra o processo cognitivo de mesclagem. Tal exemplo é intitulado “Debate com Kant”. Ao se dirigir a seus alunos, um filósofo contemporâneo diz: “Eu acho que a razão é uma capacidade de auto-desenvolvimento. Kant não concorda comigo nesse ponto. Para ele, essa capacidade é inata, mas eu contesto...”. De imediato, a pergunta que se faz é a seguinte: como o filósofo contemporâneo pode afirmar que Kant discorda dele se ambos nunca se conheceram? A explicação se relaciona à mesclagem.

Nesse caso, há dois espaços de *input*: um contém o filósofo moderno e suas asserções; o outro, Kant, suas idéias e seus escritos. Já no espaço-mescla, ambos se encontram conceitualmente. Além disso, o *frame* de debate é estabelecido para enquadrar Kant e o filósofo moderno no confronto simultâneo.

O exemplo discutido ajuda a ilustrar a armação cognitiva subjacente à autocitação epistêmica, que, dentre outras distinções específicas, basicamente se diferencia do caso acima pelo fato de relacionar pensamentos e falas do mesmo interlocutor. Com isso, por meio das construções de pseudo-autocitação, o indivíduo sinaliza promover consigo mesmo um debate, em que são feitas apreciações exclusivamente internas em e sobre determinada circunstância vivida. É o que ocorre no seguinte fragmento coletado do *reality show* mencionado em nota (BIG BROTHER BRASIL, 2002):

ESTELA: que que isso” eu falava’ André’ eu num tô entendendo nada’

ANDRÉ: (incompreensível)

ESTELA: [a hora que você falou’ Van vamo tomar banho’ **eu falei’ que porra é essa**

ANDRÉ: [ah não (incompreensível)

ALESSANDRA: mas foi (natural) eu ter tomado banho com ela (incompreensível)

ESTELA: num interessa’ mas é que cês ficaram de/ cê ficou brava comigo

ANDRÉ: [(incompreensível) foi demais pra minha cabeça

ESTELA: e desgrudou de mim e do André e ficou o dia inteiro grudada com ela’ **eu falei’ gente que é isso”**

No fragmento acima, Estela expressa sua indignação com a parceira Alessandra, que havia chamado Vanessa para tomar banho. No caso, Vanessa era adversária de Estela naquele momento do jogo. Por conta disso, também se evidencia uma interdição pragmática inibidora do uso da expressão “que porra é essa” na cena original – característica produtiva sinalizada por contextos de ocorrência dessas construções. Caso Estela explicitasse seu desacordo, poderia reduzir ainda mais seu prestígio diante de Vanessa. Um palavrão “porra”, na cena de pseudo-autocitação, endossa ainda mais a existência da interdição anterior. Estela instancia a metáfora PENSAR É FALAR ao conceber sua indignação como fala, embora essa “fala” tenha sido interna, ou seja, pensada. Como se desenharia o processamento cognitivo no ato das expressões em negrito? Vejamos isso em termos diagramáticos:

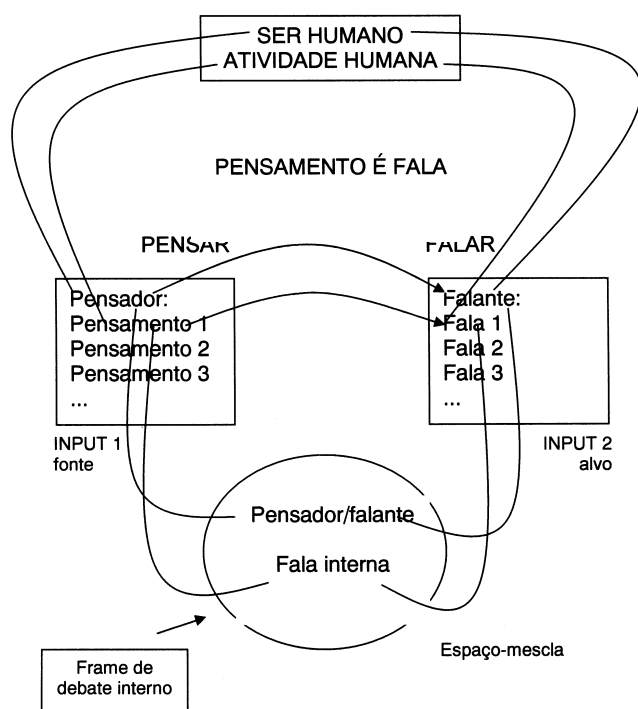


Figura 1 - Pensamento é fala - projeção metafórica

O diagrama acima faz uma síntese do processo de mesclagem que envolve as construções de pseudo-autocitação, que têm como elementos no esquema genérico “ser humano” e “atividade humana”. No *input* 1, temos o domínio-fonte de “pensar” (MCI), no qual existem pensadores e seus pensamentos; no 2, domínio-alvo (MCI), falantes e suas falas. A extensão metafórica projeta o primeiro no segundo domínio, fazendo com que pensamento seja concebido como fala, o que contribui decisivamente para a conceptualização da cena reportada como interação verbal, embora isso não tenha sido empiricamente real.

Por que então optar pelo verbo “falar” em vez de “pensar”? O “falar” dá mais vivacidade ao ato de reportar, muito por conta da força do MCI de fala, em que se supõe interação conversacional. Os *inputs* 1 e 2 são parcialmente projetados para o espaço-mescla, que faz do pensador um falante que fala consigo mesmo e faz do pensamento uma fala interna. Nesse âmbito, estabelece-se o debate interno, sinalizado pelas expressões “eu falei’ que porra é essa” e “eu falei’ gente que é isso”.

Esses argumentos são corroborados por outras marcas lingüísticas. No cotidiano, surgem, a todo momento, enunciados como “eu só tava *pensando alto*”, que também tem a ver com essa extensão metafórica. *Pensando alto* sinaliza que determinado pensamento foi verbalmente expresso, talvez de modo involuntário, mas não necessariamente em voz muito alta; portanto, podemos entender que pensar seria falar muito baixo, tão baixo que se torna imperceptível para quem ouve.

2.2 Metonímia

BARCELONA (2003) nos convida a refletir sobre as motivações metonímicas da metáfora conceptual, em especial a que estamos explicitando: PENSAMENTO É FALA. Segundo ele, grande parte dos mapeamentos metafóricos parece pressupor mapeamentos metonímicos, ou seja, a metonímia seria, em geral, um pré-requisito para a metáfora.

Basicamente, ele trabalha com as seguintes noções de processos figurativos: (i) metáfora: mapeamento conceptual no qual a fonte e o alvo pertencem a dois diferentes domínios experienciais superordenados; (ii) metonímia: mapeamento conceptual de um domínio cognitivo em outro, sendo que ambos pertencem ao mesmo domínio ou MCI, de tal forma que a fonte fornece acesso mental ao alvo. O autor defende que o domínio-

alvo e/ou domínio fonte devem ser entendidos ou perspectivizados metonimicamente para a metáfora ser possível.

Suas postulações estão também assentadas no Princípio de Invariância (LAKOFF E TURNER, 1989), segundo o qual os mapeamentos metafóricos preservam a topologia (estrutura esquemático-imagética inerente) do domínio-fonte de modo a ser consistente com a estrutura do domínio-alvo. Para Barcelona, a invariância, em sua versão clássica, pode ser considerada como uma restrição metonímica sobre a metáfora. Ele diz: “O princípio significa, na verdade, que o pré-requisito para o mapeamento metafórico é um mapeamento metonímico interno no domínio-alvo, por meio do qual (parte da) estrutura esquemático-imagética abstrata do alvo é projetada sobre o alvo inteiro; isto é, o alvo é entendido *como* (parte de) sua estrutura esquemático-imagética. Isso também quer dizer que (parte da) estrutura esquemático-imagética da fonte tem que ser metonimicamente mapeada sobre o domínio fonte inteiro para checar seu grau de similaridade estrutural em relação ao domínio-alvo” (BARCELONA, 2003, p. 45-6). Ele afirma ainda que a invariância pode ser interpretada como uma consequência da pré-compreensão de domínios que motivam e restringem mapeamentos metafóricos.

Um dos exemplos citados por ele é a metáfora SADNESS IS DOWN (TRISTEZA É PARA BAIXO), subjacente a construções do tipo *Her attitude has really got me down* (A atitude dela me deixou realmente pra baixo). Ele explica que o desenvolvimento dessa metáfora tem como origem a metonímia EFEITO PELA CAUSA, que conecta a tristeza a um de seus efeitos: “postura corporal para baixo”. No domínio-fonte (*down*), teríamos, então, a “postura corporal para baixo” (EFEITO), sendo que o subdomínio mais proeminente dentro do domínio-fonte é “orientação espacial descendente”; a “postura corporal para baixo” é metonimicamente entendida como “orientação espacial descendente”. No domínio-alvo, está a contraparte do efeito, tristeza (CAUSA).

Com base na hipótese base de BARCELONA (2003), pensemos, então, que a metáfora PENSAMENTO É FALA, anteriormente postulada, constitui-se de um mapeamento conceptual que tem como motivação uma metonímia. Nesse caso, se ocorre uma “fala interna”, pode-se entender a substituição de fala por pensamento, sendo que uma coisa não exclui a outra, mas referencia, estabelecendo uma relação de contigüidade. Assim,

estariamos diante da extensão metonímica FALAR POR PENSAR, ou de modo ainda mais genérico, uma metonímia que toma EFEITO/PARTE (FALAR) PELA CAUSA/TODO (PENSAR). Isso em relação à metáfora PENSAMENTO É FALA justificaria cognitivamente a permuta do verbo “pensar” pelo “falar” nas construções de pseudo-autocitação (“eu falei’ gente que é isso”).

Na metáfora PENSAMENTO É FALA, o domínio-fonte é o PENSAMENTO; o alvo, a FALA. Na metonímia FALAR POR PENSAR, ocorre uma inversão: a FALA é fonte; o PENSAMENTO, alvo (um está em contigüidade com o outro). O falante concebe, metonimicamente, a fala como efeito/ parte de pensar e, ao mesmo tempo, concebe, metaforicamente, o pensamento como fala, internamente realizada. Ou seja, ocorrem dois processos cognitivamente imbricados, os quais mantêm suas especificidades.

A singularidade da metonímia tem a ver com um dos fundamentos básicos da Teoria dos Espaços Mentais: o Princípio da Identificação ou Princípio de Acesso (FAUCONNIER, 1994). Tal princípio preconiza: se dois elementos *a* e *b* podem estar ligados por uma função pragmática, uma descrição de *a* pode ser usada para identificar sua contraparte *b*. O conector pragmático *F* liga dois domínios cognitivos. No caso em destaque, “falar” e “pensar” estão conectados por uma função pragmática estabelecida por razões psicológicas, pois ambos os processos, de pensamento e de fala, são psicologicamente imbricados. Nesse caso, a entidade-gatilho *a* é a “fala”, e a entidade-alvo *b* é o “pensamento”. Este elemento funciona como a contraparte de *a*, estabelecendo-se, então, o mapeamento metonímico. Esquemáticamente, temos:

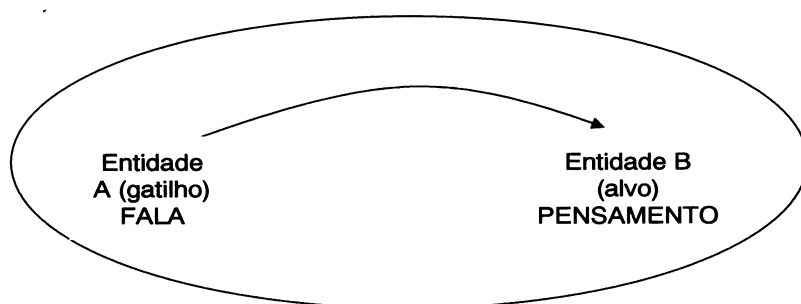


Figura 2 – Princípio de Identificação e Metonímia

Segundo cognitivistas como LAKOFF, JONHSON E TURNER (1980, 1989), a metonímia apresenta características que relacionam entidades em um mesmo domínio mental. Vejamos isso aplicado a FALAR POR PENSAR:

- Existe um conceito “alvo” A (PENSAR) a ser entendido para algum propósito em algum contexto;
- existe uma estrutura conceptual que contém A (PENSAR) e um outro conceito B (FALAR);
- B (FALAR) é qualquer parte de A (PENSAR) ou proximamente associada com A (PENSAR) na estrutura conceptual. Uma escolha de B (FALAR) determinará A (PENSAR) dentro da estrutura conceptual;
- comparada a A (PENSAR), B (FALAR) é mais fácil de entender, mais fácil de lembrar, mais fácil de reconhecer ou mais imediatamente útil para determinado propósito em determinado contexto;
- o modelo metonímico é um modelo de como A (PENSAR) e B (FALAR) estão relacionados em uma estrutura conceptual, sendo o relacionamento especificado por uma função de B (FALAR) para A (PENSAR).

3. Aspectos construcionais e interacionais

A postulação de que metonímia e metáfora específicas estão envolvidas na produção/interpretação de construções de pseudo-autocitação ajuda a reforçar a idéia da singularidade do todo construcional na correspondência forma-sentido (GOLDBERG, 1995). Evidencia-se, então, uma premissa básica da Gramática das Construções: se a forma muda, o sentido também se modifica. Mas se a forma permanecer, o sentido pode se alterar? A autocitação “eu falei’ que porra é essa” (com sujeito, verbo e objeto oracional), por exemplo, aponta, a princípio, para duas interpretações: (i) o falante pode sinalizar que realmente proferiu “que porra é essa”; (ii) o falante pode sinalizar que pensou “que porra é essa”. Tanto é que tal comentário poderia provocar uma dúvida no interlocutor: você falou ou pensou isso? Por outro lado, o entendimento de forma, pelo menos neste trabalho, não pode ser atrelado a concepções que a isolam de seu material lingüístico circunvizinho e das prerrogativas contextuais. Entende-se semântica em continuidade com a pragmática para o estabelecimento do cálculo do sentido.

Em outros termos, existem pistas lingüístico-contextuais que contribuem fortemente para a interpretação adequada. Além disso, quando o interlocutor quer saber se a expressão reportada foi ou não verbalizada, não parece estar inserido num dilema clássico de ambigüidade estrutural, como em “*Procuro a chave do cofre que estava no quarto*” (o que estava no quarto: a chave ou o cofre?); mas parece estar mais envolvido por uma disposição interacional de avaliar, testar, checar ou ratificar a conduta do falante na cena original, a qual serviu de base para a cena reportada. Nota-se com certa regularidade que as construções de pseudo-autocitação revitalizam cenas nas quais ocorre algum impedimento de caráter pragmático que leva o falante a silenciar-se. Entretanto, na cena de atualização, o falante não tem motivos para se calar e usa o verbo “falar” em vez de “pensar”. Verifiquemos isso no fragmento abaixo em que André conta que estava saindo do cinema:

ANDRÉ: [(incompreensível) não prestei atenção' aí (falei) aí vi o filme' aí tive uma crise de chorar' chorei chorei chorei chorei' aí fiquei' bom deixa eu segurar minha onda aqui pra num sair com essa cara tão' pra não sair ainda chorando' segurei' respirei' aí saí' aí encontrei meu amigo Alexandre e a namorada dele sentados no cinema' **eu falei' ai meu Deus' eu vou ter que falar com alguém' não é possível' eu queria tanto sair agora invisível'** aí veio o Alexandre' e aí André gostou do filme” ((alguém imita choro))

A fala de André ““aí fiquei' bom deixa eu segurar minha onda aqui pra num sair com essa cara tão' pra não sair ainda chorando'” é também indicial à medida que reúne o verbo “ficar”, de aspectualidade iterativa, e um pensamento individual reportado. Em seguida, André diz após sair do filme: “eu falei' ai meu Deus' eu vou ter que falar com alguém' não é possível' eu queria tanto sair agora invisível'”. Também é improvável que ele tenha emitido tal “fala”, encaixada ao construtor de espaço mental “eu falei”, no momento em que encontrou os amigos. Mesmo tendo somente “pensado em voz alta”, ele faz uso do verbo “falar” para abrir espaço mental de discurso reportado.

Não apenas tais indícios ajudam a consolidar os processamentos metonímico e metafórico dessas ocorrências. Em certos trechos do *corpus* de construções de pseudo-autocitação, o fenômeno da dêixis se revela importante na interpretação dessas autocitações singulares. Abaixo,

Vanessa, ao conversar com Alessandra e André, relembra momentos da festa da noite anterior:

ALESSANDRA: [e eu Van”

VANESSA: cê comigo cê num cê num conversou nada comigo’ só dançou brincou

ANDRÉ: [(incompreensível)

VANESSA: pediu pra:: te dar um toque se tivesse alguma coisa (+) demais assim’ se fosse na hora de você sair’ sair de lá’ entendeu” daí que eu fiquei até preocupada’ **eu falei’ pomba’ num dei um toque nela e:: isso não/ e acabou acontecendo isso entendeu” eu falei’ eu num sei o limite de vocês de bebida então pra mim é complicado**

Ao se dirigir diretamente a Alessandra, na cena acima, Vanessa lança mão de um recurso indireto. Considerando apenas “eu falei’ pomba’ num dei um toque...”, pode-se presumir que Vanessa tenha proferido anteriormente o trecho reportado, que traz uma interjeição (pomba) indiciadora de oralidade. No entanto, o acréscimo do dêitico “nela” – e não “você” (Alessandra está presente na cena acima) – reordena a interpretação. “Nela” aponta para a uma terceira pessoa (Alessandra), que certamente não estava diante de Vanessa no momento do “pomba’ não dei um toque nela” – ela não “deu o toque” na colega. Por isso, Vanessa apenas pensou e não falou. Com o enquadre da pseudo-autocitação estabelecido, a construção subsequente também sugere o caráter avaliativo do falar por pensar.

O *corpus* de onde se extraiu o trecho acima se constitui de gravações ininterruptas. Verificou-se que Vanessa não proferiu, no contexto de discurso original, fala similar à que foi reportada. Pode-se, então, afirmar que ela apenas pensou no que reportou. Para isso, usa um molde de construção gramatical de discurso direto, em primeira pessoa, que, segundo a tendência do *corpus*, apresenta um construtor de espaço mental de passado, com verbos no pretérito perfeito ou no imperfeito, e uma oração encaixada no presente. Vanessa se reporta, reivindicando uma face de amiga — no Big Brother, demonstrar colaboração é também competir. Segundo GOLATO (2002), sob ponto de vista bakhtiniano, a autocitação é também polifônica, pois quando alguém se reporta, desempenha papéis distintos, em perspectivas e cenários diferentes. É o caso de Vanessa na passagem anterior.

Do ponto de vista prosódico, tais instâncias de discurso reportado são emitidas preferencialmente com fluxo entonacional contínuo ao longo da construção, com possibilidade de aceleração do construtor de espaço mental (focalização) e de pausa para prefaciá-la encaixada. Os atributos supra-segmentais do discurso direto em primeira pessoa estão em consonância com suas tendências interacionais. Afinal de contas, manter um tom melódico próprio, sem variações tonais, de volume e de registro, condiz com o interagente que, ao se reportar, dispõe-se a manter e defender sua própria face no sentido de que, nesse tipo de construção, faz uso da reiteração para se sustentar socialmente. Não quer se arriscar a perder a face.

No exemplo a seguir, Estela, André e Vanessa conversam sobre cinema:

ESTELA: eu vi Os idiotas que é dele também

VANESSA: [ah não assisti' falaram que é muito legal esse filme

ESTELA: é muito bom mas é a mesma coisa o (incompreensível) consegue fazer isso' cê sai' cê pára' cê acaba o filme' **cê cê fica pensano' eu sou um eu sou um idiota' cê fala' eu sou eu sou um igual [...]**

Os trechos em negrito são construções gramaticais de discurso reportado em sua modalidade mais mimética e direta. Nos termos de GOLATO (2002), as autocitações sinalizam decisões passadas, novamente trazidas à baila com o uso de verbos no presente simples (“sou”, “vou”) e dêiticos (“aqui”, “agora”), na oração encaixada. No segmento em negrito, proferido por Estela, “cê cê fica pensano' eu sou um eu sou um idiota' cê fala' eu sou eu sou um igual”, Estela utiliza a perífrase “fica pensano” para introduzir um espaço mental, encaixando “eu sou um eu sou um idiota”. Em seguida, replica o processo, mas fazendo uso de “cê fala”, acoplando também diretamente “eu sou eu sou um igual”. Esse procedimento evidencia ainda mais a conceptualização de pensamento como fala, visto que as expressões *dicendi* “cê cê fica pensano'” e “cê fala'”) dão seqüência a raciocínios contínuos.

4. Considerações finais

As investigações para este artigo apontaram para as seguintes conclusões:

- (i) as construções de pseudo-autocitação sinalizam a existência de processos de base figurativa que licenciam a conceptualização de pensamento como fala;
- (ii) a metáfora PENSAMENTO É FALA e a metonímia FALAR POR PENSAR (PARTE/EFEITO PELO TODO/CAUSA) estão em estreita relação com aspectos interacionais gerenciadores dos momentos de silêncio e fala, na transposição da cena original para a autocitação;
- (iii) pistas lingüístico-cognitivas, como os dêiticos, ajudam a disparar inferências para o estabelecimento da interpretação adequada;
- (iv) os moldes tradicionais de discurso reportado também são usados para reportar não só discurso mas pensamentos, não como meros indicadores de fala, mas como recursos altamente complexos de sinalização de perspectivas epistêmicas.

Como se viu no início, muito se questiona academicamente a respeito da primazia da linguagem sobre o pensamento ou vice-versa. No entanto, cotidianamente, o fato de o falante selecionar o verbo “falar” em vez de “pensar” quando reporta sua própria reflexão sinalizaria, pelo menos nesses casos, uma intuição de que: (a) o domínio mental que se tem da fala figura no domínio mental que se tem de pensamento; (b) o pensamento é fala interna. Jamais se pretendeu aqui afirmar que as concepções cotidianas do falante deslindam as relações de (in)dependência entre pensamento e linguagem. O debate teórico deve se arrastar ao longo deste século. Independentemente do que os estudiosos preconizam sobre as relações entre linguagem e pensamento, o falante comum as conceptualiza como interdependente, o que de alguma forma condiz com a concepção sociocognitivista.

Nota

¹ Modelos Cognitivos Idealizados, que são modelos culturais mentais adquiridos socialmente (LAKOFF, 1987).

Abstract – This work investigates metaphor, metonymy and blending processes (BARCELONA, 2003; FAUCONNIER, 1994, 1997; FAUCONNIER, TURNER, 2002; GOLDBERG, 1995; LAKOFF, JOHNSON, 1999, 1980; LAKOFF, TURNER, 1989; SALOMÃO 2003, 1999, 1997), which underlie constructions of self-quotation, called “fake reported speech”. Spontaneous conversational data showed that these *dicendi* constructions report “self speech” that has not been really spoken in the original scene. It is argued that fake reported speech is based on the metaphorical mapping *Thinking is speaking* and on its related metonymic process *Speaking for thinking*. It is also claimed that cognitive and interactional factors, related to pragmatic interdiction, are responsible for the non-expression of thought in the original scene. Finally, it is shown that temporal deictic expressions help listeners to keep track of the intended interpretation of self-quotations.

Key words – Cognition. Metaphor. Metonymy. Reported Speech.

Fake reported speech: Metaphor, metonymy and blending

Referências bibliográficas

BARCELONA, A. (ed.) *Metaphor and metonymy at the crossroads. A cognitive perspective*. Berlin and New York: Mouton de Gruyter, 2000.

BIG BROTHER Brasil 1. Direção: José Bonifácio de Oliveira e Carlos Magalhães. Produção: Rede Globo de Televisão. Intérpretes: Alessandra Begliomini; André Gabeu; Antônio Sérgio Campos; Estela Padilha; Kléber de Paula; Vanessa Pascale; entre outros. Rio de Janeiro: Organizações Globo, 2002. (Início do programa em 29 de janeiro – coleta do *corpus* entre 13 de março a 2 de abril). 47 fitas de vídeo (282 horas), VHS, son., color.

FARIA, I.H. Linguagem verbal: Aspectos biológicos e cognitivos. In: FARIA, I.H. et al. *Introdução à Lingüística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1996.

FAUCONNIER, G. *Mappings in language and thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

_____. *Mental spaces*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

FAUCONNIER, G.; TURNER, M. *The way we think: conceptual blending and the mind's hidden complexities*. Nova York: Basic Books, 2002.

GOFFMAN, E. A elaboração da face. In: FIGUEIRA, S. (org). *Psicanálise e Ciências Sociais*. Trad. J. Russo. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980, p. 76-114.

- GOLATO, A. Self-quotation in German: reporting on past decisions. In: GÜLDEMANN, T; RONCADOR, M. V. (org.). *Reported discourse: A meeting ground for different linguistic domains*. Amsterdam: John Benjamins, 2002, p. 49-70.
- LAKOFF, G. *Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Philosophy in the flesh: The embodied mind and its challenge to western thought*. New York: Basic Books, 1999.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Trad. Grupo de Estudos da Indeterminação e da Metáfora (GEIM), coord. Mara Sophia Zanotto e trad. Vera Maluf. Campinas: Mercado das Letras, 1980/2002, p.45-93.
- LAKOFF, G; TURNER, M. *More than cool reason: a field guide to poetic metaphor*. Chicago: The University of Chicago Press, 1989.
- REDDY, M. [1979] A metáfora do conduto: Um caso de conflito de enquadramento na nossa linguagem sobre a linguagem. Trad. Ilesca Holsbach, Fabiano B. Gonçalves, Marcela Migliavacca e Pedro M. Garcez. *Cadernos de Tradução*, UFRGS, Porto Alegre, n. 9, p. 5-47, jan-mar, 2000.
- ROCHA, L.F.M. *A construção da mimesis no reality show: Uma abordagem sociocognitivista para o discurso reportado*. 2004. Tese (Doutorado em Lingüística). Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- SALOMÃO, M.M.M. Gramática e interação: O enquadre programático da hipótese sociocognitiva sobre a linguagem. *Veredas*, Revista de estudos lingüísticos, Juiz de Fora, v. 1, n. 1, p. 23-39, jul.-dez. 1997.
- _____. *O processo cognitivo de mesclagem na análise lingüística do discurso*. Projeto integrado de pesquisa do Grupo “Gramática, Cognição e Interação”. Juiz de Fora: UFJF, UFRJ e UERJ, 1999.
- _____. *Construções no português do Brasil: Integração conceptual na sintaxe e no léxico*. Projeto de pesquisa apresentando ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Juiz de Fora: UFJF, 2003.
- XAVIER, A.C; CORTEZ, S. (org.) *Conversas com lingüistas: Virtudes e controvérsias da Lingüística*. São Paulo: Parábola, 2003.

Recebido e aprovado para publicação em maio de 2006.

Lingüística, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 23-37, junho de 2006